Alma Nova

Biblioteca Pública Benedito Leite
Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão
Supervisão de Informática
Glorias Maranhenses

Agindo sempre

Eis outra campanha que nós propomos realizar com denodo, a das Caixas Escolares.
- Mas, dirão, que é uma caixa escolar?
- Para que serve?
- Qual o seu objetivo?
- Trará algum resultado?

Alguns pessimistas e descontentes responderão logo que um dos maiores de que vamos lançar mão para diversificar-nos nesta terra, onde há tanta gente divertida, errado estará quem assim pensar.

Não seriam tão ignobres para fazer zombaria ou charlataça de tão sagrada e util causa, como é a das caixas escolares.

A caixa escolar é uma instituição que recolhe metros para a manutenção da frequência escolar das crianças pobres.

Essas ilhas de pais pobres ou orfãos e por isso jogadas a um canto, não têm dinheiro, ou o pouco que têm não dá para comprar roupa, calçado, livros, merenda, etc.

Se estes enteinhos não frequentam uma escola, não poderão tornar os homens fortes e úteis. A patrícia não deve esperar delles alguma causa de eficaz, alguma causa de proveito.

Não serão bons cidadãos, porque desconhecem o cívismo, não sabem os seus deveres.

Emil foi uma carreira que se lhes apresenta para seguir em a vanguarda, do corte ou da servidão. Com fases elementos a paixão, em lugar de progredir, vai retrogradando aos poucos. A caixa escolar é um dos mais eficazes elementos na luta contra a ignorância e, como tal, difundiu-se por todos os povos Hodernos.

Hoje um dos meios pelos quais se avalia a eficacidade do aparecimento de uma nação, num estado, de um município para a educação popular é o número de casas escolares.

Ora, se aplicássemos aqui esse critério, o resultado não seria animador.

Que respostas, de facto, obtivermos estas perguntas—quantas caixas escolares há no Maranhão? Qual o seu grau de eficácia? Precisamos aparelharmos-nos para poder responder sem humilhação.

Trabalhamos pela fundação de caixas escolares em todo o território maranhense.

JOSÉ TRINDADE

No dia da Independência

"Independência ou morte!" E a frase simbólica de 7 de Setembro de 1822.

Ela vibrou nas margens do Vomaga; mas ali não constituiu mais que um eco, porque a muita tempo vibrava nos corações dos brasileiros ansiados de ver por terra o jago estrangeiro que viam na ascendência de Portugal um entrave para o fulgor e para o engrandeceimento do Brasil.

O Brasil sentiu-se grande. Era preciso libertar-se. Separam-se.

E hoje são percorridos 107 anos de Independência.

Um problema talvez mais que aquele se nos depara neste momento: elevar ou ficar vendidos ao estrangeiro.

Trabalhámos para levantar o Brasil economicamente dessa leitaria em que estou e arrancar das mãos de estrangeiros para o fulgor e para o engrandeceimento do Brasil.

O Araujo sentiu-se grande. Era preciso libertar-se. Separam-se.

E hoje são percorridos 107 anos de Independência.

Um problema talvez mais que aquele se nos depara neste momento: elevar ou ficar vendidos ao estrangeiro.

Trabalhámos para levantar o Brasil economicamente dessa leitaria em que estou e arrancar das mãos de estrangeiros para o fulgor e para o engrandeceimento do Brasil.

O Araujo sentiu-se grande. Era preciso libertar-se. Separam-se.

E hoje são percorridos 107 anos de Independência.

Um problema talvez mais que aquele se nos depara neste momento: elevar ou ficar vendidos ao estrangeiro.

Trabalhámos para levantar o Brasil economicamente dessa leitaria em que estou e arrancar das mãos de estrangeiros para o fulgor e para o engrandeceimento do Brasil.

O Araujo sentiu-se grande. Era preciso libertar-se. Separam-se.

E hoje são percorridos 107 anos de Independência.

Um problema talvez mais que aquele se nos depara neste momento: elevar ou ficar vendidos ao estrangeiro.

Trabalhámos para levantar o Brasil economicamente dessa leitaria em que estou e arrancar das mãos de estrangeiros para o fulgor e para o engrandeceimento do Brasil.
EXPEDIENTE

—Todo a correspondência deve ser dirigida ao secretário da comissão central:

ELIOU SOUSA—Rua Sete de Setembro
25—S. LUIZ

—Não se devem originar.

patriotas, cumpridores, enfim, de seu dever.

Foi fundada essa instituição por Sir Robert Walden—Po-
well, grande general inglês, que, em sua obra Handbook for Boys narra como concebeu esse sistema útil e proveitoso.

Estava em Mafeking, cida-
de sul-africana, como general das tropas, durante a guerra dos Boers. Estes atacaram sorrateira-
mente a cidade, que, pela sua posição, pela sua falta de con-
tingências (num homens somente se a guarneciam) não se pô-
de defender convenientemente. Então o general resolveu chamar para as trincheiras os rapazes de mais de 10 anos. Lord Cecil, oficial do esta-
do—maior, instruiu-os e de-
lhes alguns exercícios milita-
res, empregando-os depois em serviços de correio, sentinelas, bagageiros, enfermeiros, exploradores, etc.

Como era lindo velos pas-
sar, um correndou pelo meio das balas, sem temer a morte, outros carregando feridos, e ainda outros tratando dos do-
entes e enterrando os mortos!

Uma das vezes, Walden Po-
well, chamando-os, avançou do perigo que corria e eles replicaram com esta resposta:

—A menção depressa, que as balas não conseguiu alcanç-

ar-me.

Foi esta a primeira acente-
lha do escotismo.

Voltando à Inglaterra, Sir Robert reuniu um grupo de crianças e começou a ensinar-lhes seu método, o seu novo sistema educativo, um dos melhores do mundo.

Formado o grupo, composto de 16 crianças, acampou pela primeira vez na ilha de Bro-
wnsea, alcançando um dos mais passados sucessos mundi-

almente.

O escotismo, assim, em pou-
co anos espalhou-se por todo o mundo, havendo actualmen-

te na Inglaterra 174 escolas de ex-

cotos e nos Estados Unidos 550.000.

No Brasil tese a União dos Escoteiros do Brasil for-
mada por 2 federações:

Federação de Escoteiros Cat-
ólicos do Brasil. Federação

brasileira dos Escoteiros do
Mar. Federação dos Escoteiros do Brasil e Federação dos

Escoteiros Fluminenses.

Ha ainda, em São Paulo, a Associação dos Escoteiros de São Paulo.

Total de todo, quinze mil

escoteiros.

Como só a nossa patria também está arregimentada de escoteiros. Faltam com tanto alistar-se no movimento alguns estados, inclusive o Maranhão.

Trabalhamo pelos escoteiros no Maranhão. Unamo nos para

vencer os obstáculos que se apresentarem e veremos sem duvida a vitória.

J. T.

Historia de un burro

Havia, já, em casa um burro tão bon que como ele não con-
hecia outro.

Nasceu, como seus irmãos, foi manchoso e impudico na mocidade.

Ele bom, bem velhinho... Não fazia mais nada, Coitado, já havia trabalhado tanto.

Quantas vezes o cavalgava sem um arreio sácer. E elle jamais ousse me lançar por terra.

Era tão bom... E eu quis ma-

tralhar-o. Porque lhe m'ia para com o bichinho? Não era...

Era criancinha um asmulhete na botina e começou a picá-lo. O pobre velho olhos-mal, e os olhos tão tristes... Pareceu-me até que chorava... Mas não se movia... Ao contrário, tornou-

me mais perverso, ficando-o com insistência.

Não pode mais supor!

Num galope desenferado, lan-

çou-me a dez passos de dis-

tância.

O terreno era cheio de pedi-

nhas e fiquei todo salado. Eram felizes! Fui castigado.

Nunca mais o velho burrinho apareceu.

Fiquei tão arrependido...

PIRES DE CASTRO

Assombração

Quando o sol se encobria por traz daquelas serras apetadas e, ao mesmo tempo, que parecia que se encobria o passo do nosso caminho, e a brisa fresca da tarde começava a se espalhar, levando-se as follas das arvores, o meu pejem apressou um pouco o passo do seu alazão.

—Caminhemos, patrão. A gol-

le já vem ahi Prestemos chegamo ao sitio do finado Jacob, com o romper da lua.

Até aquele instante, aposando da fantagente jornada que fize-

mos, vinha alciento a tudo que não fosse contemplar as verdens cam-

pinhas que se alargavam tanto mais quanto a vi atras as persus-

travas.

Aqui uma garça que se destaca pelo alvor de suas plumas, com tibias listas azuis que deti-

zavam pela ebluicite de seu pecado longo; Ali uma pape-n

nhas que iam de vós rasteiro, sol-

to o seu grilo agudo, assust-

ados pelo barar da cauda de um lebre se livrava das mu-

tucas importuniores.

A campina veludosa succedia um capricho velhas, resto de vi-

da cretesa, cleaniz notions dura de que a mão do homem por ali passara, derrubando, arretrando, aonde fogo, plantando, colhendo.

Apo lado, agradíndo brin-

cadas, que se engalhavam com solfrigamente, e via uma pa-

nhoca assinatada e creada pelo sol. Hoje somente palhas velhas. Foi outrora a rancho da reca onde nas horas de in-

tenso calor se abrigavam os roceiros, canções da lua in-

sana.

Hoje abandonada naquele campo encantado, esturricado pelo

sol do verão, serve quando muito de acolte aos animais, nas noites de trovoadas.

E naquela que mais esta terra já deu um vez. Era bastante. Enfraqueceu-eu. Muito matto Va-

mos adiante. Assim filosofava.

PEDRO LUIZ

O mistificador

Acho verdadeiramente inte-

ressante quando vejo estudan-
\ntes comparando a inteligência deste ou daquele país, com o talento dos novos que vem surgindo atravessar os rábidos escassos em jornais ou revistas.

E divertido. Risa e vontade. Pobres alunos que, afinal de contas, não conhecem nem sequer a biografia dos mais ilustres homens de suas terra e afirmam que um individuo que fala de "Divina Comedia", dos "Lusíadas", de versus à lua, emínt de um milhão de cousas que lhe chegaram da cabeça, por informações, esse é o verdadei-

ro escritor.

Um autor de versos corriquei-

ros é ilustre, digno de um re-

trato no Pantheon das glorias locaes.

O mestre, esse que transmite o resultado de um cultu,

re, que pensa, que raciocino, que flette; não, esse não é in-

deligente, esse não, é que nos, somente para nos iludir.

O macaco é animal que sem-

pre empolga com os seus tre-

gulos. É a curio do fabuloso-

es festivos em divertir.

Ideo ao "Bom Marché"

RUA OSWALDO CRUZ 19 (Esquina com a Travessa da Passagem)

Somente já encontrareis as ultimas novidades para a vossa alegria e para o destaque da vossa jaleeza.

BRINQUEDES—Temos uma coleção de mais modernos.

GRAMPOS VICTORY—A ultima moda, o chique em cabedos cortados. Somente já é que se distribuem.

Ideo pois ao "Bom Marché"
ALMA NOVA

de quando em quando o piar
nostalgico dos bichuráus.

O campo recolhia o cheio
no halo de luz suave e ternura
que da luz descia.

Engraçado, que já batera o ca-
colhamento, da mão por
vezes e por vezes renova a carga de fumo, per-
manecendo, sereno, escravo,
como tendo perturbar aquela
leilão.

— Olá! Engraçado — disse eu
recarregando-me da história do ja-
cob— já cometeu, agora não tens
desculpa. Conta-me a história.

O cavalo pigarreou, e entre
bateridas de fumo começou:

— Foi no ano de 1905 que
aquilo veio, veio Jacob.

Nesse tempo o menino, simpati-
ético, cheio de vida, mas trazia
uma ruga na testa. Acho que
era de fumaça, porque
lhe parece que, do meio do
pouco, ele saiu ver a outra
vez. E assim ficou.

Quando desceu para o rio,
sua mãe, que nunca se
fazia de rogar para quem lhe
dava boas, foi melhorando ao
seu bom. E assim, como
deste momento, a história
contava.

Quando a sorte começou a
mudar, ele sou de andar mais
alegre, já foi a festa. Era para
vezes que, com a mãe
um beijo, tudo se animava.

Jacob tinha uma venda. Um
belo dia entalhou a si, pela
eugenia do Arriai. Não demorou
tão, se casaram e vive-
ram felizes. Deixaram de ter de
se casar com gente como eles.

E assim, com os seus
negócios, o Jacob teve de se ausen-
tar por longos meses. Quando
voltou trazia o boco recarregado.

E assim, com os seus
negócios, o Jacob teve de se ausen-
tar por longos meses. Quando
voltou trazia o boco recarregado.

O amor que ela tinha pela
Eugenia era o bastante para que
ela não a esquecesse. Fosse onde
fosse, sua mulher, com uma
ternura, era cheio de uma
atenção. Da última vez
trouxera um lindo casal de pas-
sarinhos, que igual ao ânima
não viu.

Fazia inveja ver aquelas duas
pessoas viverem; tão unidas, que
até se pareciam duas romãs,
que andavam sempre arrulando
que a mãe fazia...

Numa bocca de noite, quando
nós todos estávamos sentados
no térreo e conversando
histórias de almas, uma coruja veio
numa cujuba, uma, que
ainda vive e que o patrão está
vendo bem até hoje. Depois que
ela cantou um bom pedo, veio
voando como uma dourada e
batiu no bom doutor com
sua vara.

E a mulher se impressionou.

Mas o certo é que ela já vin-
ha um pouco adocicada,
por causa de um refranito que
apareceu em uma estação da
trabalho das fábricas.

Tres dias depois comecei a
sequejar de umas dores de
coifa, que começavam no
peito e iam rondando na
seu. A única coisa que
falei era que não tinha mais
sofrimento.

Vieram os benzedores
todas devas e médicos
conseguiram colher, com suas rezas e garra-
ladas.

Nem o barparam, que já inici-
sou da cabeça de um compa-
heiro do meu pai, conseguiu
cometer a dor.

Nums clara manhã, depois
de muitos sofrimentos, a Eugen-
ia agonizou e seu ferreirinho
deve ter ficado grato com os passar-
nhos.

Ah! o patrão, até os passar-
nhos pareciam que sofriam já
não cantava!

Jacob, louco de dor no
hora em que sua mulher, agonizou,
com os olhos cheios de lagri-
mas, apertou-a, chantageou-a, mas
que já nem respirava a
colada e ela, num arranço, saiu
abatendo palavras atuais, di-
zentos colas que até fazia pena.

Depois disso nunca mais o
Jacob quis conversar com
ninguém. A mãe, que só, se tivesse
mais poder, ficava de sieda.

Um dia estava deitado de
baixo de uma fígaroca que
ficava derrubando de casa. Os
passarinhos, pintinhos dele, co-

meçaram a cantar um canto tão
triste, que meia tia...

Ele se levantou e viu que
bichinhos estavam. Eles estavam
com cara de morta e uma babá
gressa lhe escorria da boca
lã. Nunca havia ouvido che-
gar perto dessa. Viveu diante de
ele em diante cada vez mais
muito. No dia seguinte, quando
as flores abriam, com toda
a força da terra, foi en-
trado e o seu corpo dentro
das chuvas e de um castelo.

Lá adiante, nhequeque da serra verde que
o patrão avistou quando passa-
mos no último estrada...

BENEDICTO PEREIRA

Moral e Civismo

Patria e Tradição

Eeu sou o sêmeiro que subiu a
luz de chuvas, e que o povo
convocou aos vocifera, e
amo o povo, e sou, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,

E Ismail, ofensor, e sou,
Durante estes passeios, ele discutia, falava, gesticulava... Os outros acompanharam o olhado-pelos na sua firmeza pelo seu caracter.

Quando se metia em alguma empresa, não recuava por mais reses que fossem os obstáculos. Se não eram muito altos, pulava-os; se eram rochedos, cavava-os até achar uma abertura e assim por diante.


O que sei é que desapareceu; não voltou mais.

Aí me fico à pensar, pensa...

... Que uma noite cobrindo com o seu manto negro, cheio de prata e prata, a cidade que se iluminou...

J. T.

Sports

Bem cedo se manifestou entre os homens, a tendência para os desportos, que servem, para desenvolver igualmente todos os órgãos do corpo humano.

Recorre-se à "menstrua da vida" que com certeza ela nos responderá mostrando os helenos, provando estratificadamente o que, não só produz guerreiros fortes e ageis, mas também homens ilustres nas letras e nas artes.

Porque assim é...

Porque os exercícios corporais também influem no desenvolvimento da inteligência... Dando saúde ao homem, não permitem que o cérebro fique sem agir, ou antes imaginando crimes e vitagens.

O mez que passou

Agosto passou, deixando grata recolhida uma muita gente. Quando agosto desperta e outra vez esbarbar os seus dias na marcha do tempo, os supersticiosos, logo ao amanhecer, levam o polígulo à festa, perseverando-se.

É o mez fatídico, dos dezenas, dos planitâncias, da cabrdaga e de muitos outros mostrando perceptivos creus do espírito inculto de nosso povo.

EM FAVOR DE UM NOBRE IDEAL

E' muito triste a situação das crianças pobres que não têm meios para comprarmos vestes e livros para poderem ir à escola. Entre esses pobres, enlentecimentos, muitas vezes se encontram alguns dos que podiam ser alunos cumpridores de seus deveres, honrados, obtendo aos seus dias de estudar, os dias de viver.

O Maranhão, porém, é tão adiantado que essas instituições, em que em todo o mundo civilizado são um dos alicerces do edifício de educação, não lhe servem.

Animal não é a conservação de animais de educação, patriotismo, ciência e caráter bronce o, nunca, e de sacrificar o Maranhão, o desvelar, e a Pátria.

CALENDÁRIO CIVICO MARANHENSE

SETEMBRO

Dia 9: D. Nasce Pedro do Rosário de Albuquerque.
Dia 27: D. Resende de Carvalho.
Dia 28: D. Magalhães de Carvalho.
Dia 29: D. José da Silva e Silva.
Dia 30: D. Joaquim de Almeida.
Dia 31: D. João da Silva.

QUADRO

Anoilete: Ficava sempre nos raios do sol, em tons purpúreos, iluminando ainda os pináculos da torre alvinegra, e a cúpula tolhida das manqueiras.

Do lado do nascente, no fim da planície iluminada, a estátua de um homem, que sofreu a luta, como uma grande tocha agradecida.

JOAQUIM TENREIRO

PÉLAS ESCOLAS

Um belo esforço


"Alma Nova," apresenta a digna diretora, o belo esforço que a mesma realiza, a educação que é do marco de uma brillante vitória do esforço.

João Almeida Oliveira

Reassumiu o exercício de seu cargo a distinta diretora do Grupo Escolar Almeida Oliveira, professora Maria Amelia Caldas, com grande satisfação dos seus numerosos alunos.
O Município de S. Luiz commemora hoje o batismo da cidade pelos seus fundadores. Os alunos das Escolas Municipais, formando em frente ao edifício da Prefeitura, prestarão homenagem aos dignos e esforçados pioneiros da Civilização nas plagas maranhenses. "Alma Nova" associa-se à comemoração, e ajolha-se para beijar a terra bemdita onde a sementeira lançada pelas mãos daqueles primeiros colonizadores abriu em flores de glória e de luz.

8 DE SETEMBRO DE 1612-8 DE SETEMBRO DE 1929

A cidade de São Luiz comemora hoje a data do seu batismo, que é a bem dizer a de sua fundação, porque o chegar a ilha de Sant’Anna a 26 de julho de 1612, os franceses da expedição de La Ravardiere só a 6 de agosto vieram para o local onde se encontra atualmente a nossa Capital, local este de que se retiraram para um ponto próximo, ainda hoje não identificado, até iniciarem a construção do forte, armazém, latébras e o mais necessário para a instalação da colônia, escolhendo, de acordo com os índios, o dia 8 de Setembro para a cerimônia de sua inauguração.

A 12 de agosto, naquelle ponto, estabeleceu o local de São Luiz e já mencionado, os espinhinhos da expedição disse-ram a primeira missa em terra, e mais tarde, suprindo alguns leitores apressados de história, que esse ato religioso se realizou no ponto onde hoje foi edificada São Luiz, o que é um engano vulgar.

Escolhido o dia 6 de Setembro para a inauguração da colônia, dia em que a igreja comemora a Natividade de Nossa Senhora, reuniram-se aos colonizadores os índios de várias aldeias da ilha, que tinham sido previamente convidados para a solemnidade inicial da aliança com os franceses e de obediência à religião católica, assim como para assistir ao levantamento do cruzamento, que simbolizaria o penhor do duplo pacto.

Foi feito um cortejo após a missa na capela rústica, já construída, e desfilou até a esplanada onde se edificara o forte, com a atual Avenida Pedro II. Aí já se achava a cruz preparada, após a lacaiação e com embaixador, e Portugal, e Portugal, e Portugal, com um discurso que implacável o sofrimento, e confirmava, como o próprio, a sua vitória de cumprir os fins e ser o cruz, ergueram-se como um padrão de civilização e de fé. Anfitrio,o symbolo, onde um Deus aguiaou para redivim o mundo, prosseguiram-se todos, sacerdotes, fidalgos, aventureros e a indiana limitando a contricção dos civilizados.

Nesse acto o Senhor de Rassil deu ao reduto o nome de Forte de São Luiz e ao anseador o de Porto de Santa Maria, e o primeiro em honra de São Luiz, e do segundo em honra de Virgem e dos Rainhas Regente de França, a famigerada Maria de Medicis.

Assim 8 de Setembro é o dia da inauguração intencional de S. Luiz e do seu batismo.

Dia glorioso em que a pequena feitoria francesa consequia a ascensão da Cidade que aí havia de fulgurar no firmamento da história de uma nação com o brilho de um sol, pelsa honra do seu nome e pela glória de seus filhos.

Patriotismo

Em muitas paixões vemos os senhores e rapazes dizerem:— Houvesse um guerra do Brasil com outro país, eu me alistar para defender minha patria. 

Gretas certas de que aquelas palavras ditas com entusiasmo seriam cumpridas?

Talvez. Mas ante a fusilaria e o troar dos canhões e os estilhaços das granadas, aquelas que se dizem patriotas talvez não dissem tais palavras.

E se houvesse uma pessoa corajosa, que os incitasse, tal como o admirante Barroso Irmão?

Talvez tenha pouco o atendese, porque não teriam confiança em si próprios, porque não se lembrariam de que a uma morte em combate talvez viesse a ser a glória da patria. E o patriotismo só pode ser demonstrado na guerra.

Não. O homem e a mulher podem ser patriotas, tanto na paz como na guerra.

Como?

Cumprindo os seus deveres, observando as leis, que regem o país. Que, porque o homem que observa os postulados da consciência moral e cívica cultiva o patriotismo.

Aquelle que estuda para engrandecer uma patria é um patriota. Aquelle que contribui para a manutenção da orden em e para a continuidade do progresso é um patriota. Patriota é que está a sua missão é a sua mis-

ão, serve dignamente a família, propaga a verdade, combate o erro e exalta a virtude.

Que é preciso para avançar se o próprio

Ter coragem: o cidadão que não desanima em seus empreendimentos honrosos é um patriota, bem como o estudante que não desanima no esforço do saber.

LUIZ BELLIO

Nas horas quentes do verão pesa sempre os REFRIGERANTES JESUS

Guara Marquês

Guara Marquês

Guara Marquês

Guara Marquês

Guara Marquês

Suprimem a sede, refrescam e renovam o corpo.

FUMEM

CIGARROS 12

(Caporal especial Veadão)

A VENDA EM TODA PARTE
Porque ha analphabetismo

Passe-se na cidade de Rosarito. Um facto digno de atenção. A colonia de pescadores daquela lugar, a qual consistia de uns seiscentos socios, pagava cada um a sua contribuição para manter um navio e um mês se passou sem pagar. E no entanto, em vista disso, os associados de mãos ao peito explodiam de contentamento.

Mas lá se deu o seguinte: a colonia decidiu que nem o pescador mais ricos nem nem os mais pobres pudessem mandar os seus filhos ao templo cujas luzes de hoje serão os frutos de amanhã.

Foi contratada uma professora, mandou-se aos comissários de trinta mil réis mensais.

Mais tarde, no prefeito da localidade, sustentou-se que, sendo assim, a colonia não tinha a obrigação de pagar a professora. E no entanto, a colonia decidiu não pagar a professora, mas a professora continuou a ensinar os filhos dos associados.

Enfim, uma nova situação. A colonia de pescadores foi declarada ilegal e a professora foi presa.

O Estado

Qualquer que seja a carreira que o homem tenha de exercer, qualquer que seja o trabalho que tenha a fazer, o bom caminho e as suas conseqüências depende sempre do estudo.

O estudo é uma força inesgotável. Todos os dons que um homem pode possuir, passa pela mente, como uma força física, uma sensibilidade, uma inteligência, não tendo o cul
tivo necessário, não tendo o estudo, não tendo o esforço, não tendo a disciplina, não tendo o trabalho, não tendo o respeito, não tendo o respeito no mundo, não tendo o respeito na sociedade, não tendo o respeito na família.

E assim passavam os meez.

Os dias eram assim que demandavam um estudo profundo, um estudo profundo, um estudo profundo. E assim passavam os meez.

ELYD SOUZA

A PORORÔCA


Com um pedaço de esfera de vidro, eu posso ver a lua e o céu, sem a lua e o céu.

Em uma lua cheia, eu posso ver a lua e o céu, sem a lua e o céu.

Em uma lua cheia, eu posso ver a lua e o céu, sem a lua e o céu.
A philanthropia e a Instrução

A philanthropia é a caridade altruística. E' um dos muitos meios de exercê-la. Não consiste, por conseguinte, em beneficiar os ricos que nada custam, mas em um iminente desvelo pelos outros.

Seu fim é fundar escolas, azylos, hospitais, laboratorios e oficinas.

E' sublime! E' elevado!

Esta caridade é de todos os tempos, de todas as épocas. Desde o princípio do mundo a philanthropia tem-se espalhado pelo universo, produzindo boas sementíceas.

Mas, dentre todas as nações, a que mais se distinguiu nesse ramo de caridade foram os Estados-Unidos.

Nesse paiz os grandes capitalistas, os millionarios e archi-millionarios dotaram parte de suas fortunas para a fundação de escolas.

E é assim que esta nação é, actualmente, onde mais se espalharam as flores da instrução.

Somentre na nossa terra não ha desses grandes patriotas. Não quer dizer que os nossos capitalistas ricaços não façam escolas. Não. O seu dinheiro não deixa de ir ao pobre.

Vai, porém, desorientadamente. Daqui, um festival; dai, um almoço para quem não precisa.

A's vezes um óbulo para os hospitais e azylos; mas para a instrução, nada.

E, no entanto, é necessário, é imprescindível.

Já deviamos ter fundado uma caixa escolar.

Contudo os recursos são poucos e os auxílios nenhuns.

Qual é aquelle que não se orgulhar ao ouvir um nome pronunciado com amor e respeito pelas criancas pobres? Quem é que não sentirá bem vendo seu nome nos livros de honra da caixa escolar como professor da humanidade? Quem é que não sentirá a mesma coisa que quando veja o filho de um pobre senhor, sendo recrutado para a honrosa função de professor?

Mas os capitalistas maranhenses não se preocupam ainda com tanto magnó problema.

Como deve ser belo, quando a criança pobre, ao se preparar para ir a escola ou ao abrir o livro que lhe deu a caixa escolar, evocar com carinho o nome do professor?

Por isso, fundemos uma caixa escolar, antes mesmo das leis surgirem para sua manutenção.

E, talvez, viremos os pobres abençoarem os nomes dos ricos.

E os nomes destes ficarão gravados nas folhas da História com letras de ouro, como benfeitores da educação.

Sigamos o exemplo dos Estados Unidos!

José Trindade

Escolas Superiores

Notam-se com desvanecimento que está em marcha a ideia de uma Faculdade de Medicina no Maranhão.

A grande depressão económi- ca moral e mental que esta terra atravessa é devida principalmente à falta de elementos de educação profissional. Multiplicam-se os estabelecimentos de ensino profissional e o Maranhão ressurgirá.

Deste modo, são de aplaudir os esforços dos criadores da escola médicas—cirúrgicas. Carecemos também de uma escola de engenheiria, e, ainda de tudo, de escolas profissionais elementares e de ensino agrícola.

Sem estes elementos não há possibilidade do progresso. Sem isso não pode haver trabalho. Nossa terra precisa levantar-se do marasma em que está. Levantemo-la!
EXPEDIENTE

—Tudo o que a Rede Globo divulga duas vezes ao ano, de preferência em datas do calendário civil e nacional.

ELIAS SOUSA—Rua Sá de Miranda, 63—S. LUIZ

—Não se devolvem originais.

O Escotismo

O escotismo deve haver em todo mundo, porque sem ele um país não pode progredir.

Porque o país depende do caráter de seus filhos.

E o caráter deve começar a formar-se na criança, que será o homem de amanhã.

Por isso, é que em todos os países do mundo foi forçado o escotismo, essa escola onde o caráter se forma pela ação da acção.

O escotismo já é um homem de cada criança e de cada família.

E o escotismo no Brasil tem uma patrícia que se avela.

Por que o caráter do novo brasileiro já se vem formando desde a sua infância e ele será um homem que engrandecerá a patrícia, sabendo oposição a anarquistas sem disciplina, ao charlatãs que mudam e desvendam sobre a escaque e quarenta milhões de habitantes inermes, cabibaxos só porque são homens que não honram suas opiniões e seus foros de cidadania.

Pobre Brasil vendido, eu te assino.

Viva o escotismo, o regenerador do caráter dos povos modernos, a grande escola de acção.

E ainda tenho alguma esperança no Brasil, porque sei que ainda há alguns homens de bem. O Brasil deve utizar-se de possuir homens desta tempestuosa

A. DE OLIVEIRA

A Flor

Numa tarde de intenso calor, uma flor exuberante de vida e estilumante de perfume se pregava aos beijos de voluptia que o sol lhe enviava quando lento desceu o ocaso.

O sol desapareceu; e a flor tremou, vacilou e pendeu da haste entroncando-se de sua beleza. Em vão suplicas que não a deixassem.

Mas o sol levou consigo a vida radiante do murto da flor e também da lívedeza do desencolhido que suas peteias tomavam no momento de sua partida.

O sol procurou uma mensageira. Buscou entre as minúsculas gotas de orvalho um beijo para consolo daquele que por elle morria.

E a flor, no suje de alegria, recebeu-a entre suas peteias, já no fundo do seio, e guardou-a como nó de arco de amor, para conforto de si mesma.

Manhãs. Estabele-se no nascente leves tintas: é o prelúdio de novas vidas.

E a flor, num anseio, prepara-se para receber novamente o amante.

Ele vem majestoso. Dardeja seu olhar de fogo por todo o globo; percebe-a entre outras tantas, que lhe empanam a bela e deixa transparecer um gesto de desprezo; é a flor que já não está a formar o prumo do dia anterior.

Suga a perola de orvalho, sua mensagem de amor, e deixa a flor para outra.

E mais uma vez a flor que deu no seu desilusão.

Passa veloz um beija-flor e beija-a; anjozor; e neste belo vai toda a vida da flor: caí, a primeira peteia descorada e as outras imitam a primeira e todas tombam por terra.

Saudades

Pedro, o velho «cocheiro» dum antigo fazenda no alto serrão, contou-me certa vez uma passagem de sua vida, toda cheia de amarguras e de tristeza.

Lembró-me, porque suas palavras me ficavam gravadas na mente desde aquela tarde em que, sentado à portinhola do carruqueiro, me ouviu dizer que haja dente de ouro, interessava que haja interesse de amor, entre aves seculares, esse amor formava esse bello trecho de sua existência.

—Foi no tempo da guerra,

começou ele, que eu tive de se mudar para estudar, e lá na vila, no collegio dum padre, o vigário de toda esta redondeza.

Encontrei um amigo, o Chico, um desses amigos cuja morte a gente chora até a hora em que também morre.

Estudavam o primeiro anno.

Quando voltamos no ano seguinte, o Chico contou-me algumas aventuras da guerra que eu fiz, que tinha fascino por uma farda e me encontrar frente a frente com o inimigo.

A proporcção que Pedro falava, sua physionomia se transformava.

Uma noite, prosseguiu ele, o Chico propôs aliviar-nos no primeiro regime que tinha de partir.

Logo acelera sua proposta e dois dias depois nos achavemos num quartier uniforme que tanto honra ao Brasil.

Enfin paro em frente de um cavalo e acolá, fomos ganhando terreno pouco a pouco.

Nada! Não saber e fazer de olhos, o bombranco atravessou a arma branca.

O sangue começou a correr de lado a lado.

Os homens transformavam-se em feras, os tambores ruíam mais furiosos e os clarins anavam-nos.

Nuna das vezes vi os tambores tentar traçar um mosaico dos nossos soldados, que o fumo subia acima da terra, e do silêncio de um silêncio que os soldados sonhavam.

Atrás-me contra ele e fique que meu saber halle a travessar o pelle.

Vemos uma luta que nos preparava a vitória, corri para o meio da maré que se fazia.

Nesta luta passamos até quando o sol, quase a tomar o ocaso, iluminava o nosso campo com os seus últimos raios, quando o sol, já sem força, tempestado pelo sol e aos nossos irmãos.

Cinco minutos mais e estávamos com a vitória.

A vi que tinham ganho a batalha corromperam os loucos de alegria, a abraçar os nossos companheiros vives.

Atrás de mim, de cima e de baixo o bando da bandeira e prestou-lhe continência, ao som do hino nacional.

No momento em que se viu fazer oscilar a nossa bandeira, a banda e o padre radiante de alegria nas faltas, vi num gran- de lago de sangue e estendido por terra, o corpo do meu estúpido, o Chico.

A que, não, não, a lei do vin- gar a sua morte...

Os soluços do velho interromperam a nossa reparos de alguns instantes.

—Depois continuei...

—Durante a noite abrimos covas para os mortos.

Qunte que este tempo risonho, eu, ao som da marcha de guerra, a colcer também brin de que:

Nossa tarefa foi collocar-se por detrás de outra que fazia faz...

Anciono por dar o primeiro tiro e ver rolar por terra o inimigo, eu saía para o Chico, o meu melhor amigo, e recebendo onde partiam as granadas, quando veio a ordem de disparo...
O enfraquecido pequeno salve com esta resposta:
—Pomposa, se a simulação já nasceu, pode ficar com as flutuas...  

Era uma vez uma raposa muito linda, que morava num castelo perto de um rio formoso. Certa dia comadre raposa estava com muita fome.

Não tinha mesmo o que comer, porque tamanhada que o tempo era padre, acometia toda a classe de bicos a se recolherem fazendo orações, enquanto passasse a semana santa. Acomete, porém, que estavam todos todos os bichos escondidos nas fumaras, comadre raposa achou que comer.

Teve uma ideia: assim que calhasse a noite saíria e iria roubar uma galinha no quintal da casa do guaxinim, que era abastado criador.

Mas estava sem sorte. Na hora em que vae saltando na galinha aparece um urso ao esquadar, onde ficou presa até depois do Carnaval para aprender a jejar.

**Commentários**

Indo há poucos dias à nossa Biblioteca Pública, procurei um livro sobre Escolismo não o achei.

Nem siquei um opusculo encantado sobre este assunto. No entanto, a Biblioteca consta, mais ou menos, de 0000 a 7000 volumes.

De que tratam, então, tantes livros?

Um são romances, outros em línguas estrangeiras. (A maior parte dos livros instrutivos não estão traduzidos).

Ora, por conseguinte, não errou o Sr. Pedro Luiz em chamar-a de "apoiada liettaria publica".

Façamos um pequeno raciocínio.

**Nair**

Da terna luz do teu olhar me vem,
O excesso de amor que tudo encanta,
Eis tó das santas virgens, a mais santa,
E colinho escarço, Summo Bento!

Rico espiador que tens tudo suplanta,
Eis como o Flavio Séli do azul do Alfin,
Da Natur a beleza é tu também,
Maravilhado o próprio Deus te canta.

A bondade infinita, a perfeição
A suprema candura, o meio riso,
São premissões de tua alma e coração.

Eis a mais pululosa rosa delicada,
Nos labios tens de Deus mesmo o sorriso,
E na minha alma está divisinada.

**Bernaldo Moreira**

**O mez**

Setembro espalha prodigamente o calor,
A cidade torna-se quazi intempestiva dahi nasce o desejo de veranear.

E nossas prias começam a acenar, convidando-nos para lá gozarmos alguns instantes, esquecidos por momentos da lua diária.

E, entre todas, a de São José de Ribamar te mostra mais convidativa. E porque Setembro e o mez da allegria naquele villa.

São José vos se festejado. E assim, logo ao amanhecer quando ainda temeleuzem as ultimas estrelas, os autos começam numa buzinaria infantil, buscando a grande estrada que leva àquelle recanto da ilha.

Já no e minho, livre do polícia com sua disciplina, é um correr estonteante. A gente na volapia da carreira e na ansia de devolver estradas, avança lúcidamente, levantando o auto enormes nuvens de poesia, que levadas pelo vento, se vão abranger nas folhas das arvores que

**Casa Brandão**

Quase todos os vapores trazem novidades para a "Casa Brandão", V. S. já a visitou?

Agora acaba de receber uma remessa de chapéus de massa, grande stock de meias Ipiranga para homena, 19000, 28000, 28000, 35000, 36500, 49000, 48500, e 59000; meias para Senhoras de 24000 a 28000 e assim sucessivamente. Portanto nada perderá em visitar a CASA BRANDÃO

Alfonso Penna, 2

**SE QUEREIS**

**"A CARIoca"**

Nesta casa, é onde se encontram destacando suas chitinas para uso domesticó às mais lindas sedas para uma rica toilette.

**RUA DE NAZARETH**

**TELEPHONE 24**

Comprar fazendas chics e garantidas, onde a
**DISCOS E PANATROPES**

**BRUNSWICK**

**DISTRIBUIDORES:**

**Agência Gomes**
Rua Candido Mendes, 175

**Moral e Civismo**

**MODERNITY, INDUSTREY E CONTEN-**

**TAMENTO**

**Os companheiros de Manoel Oderico Mendes nas lutas do primeiro reinado chegaram a barbear-se com quase todas as máximas políticas e sociais. Alguns deles seriam sem duvida dos talentos férteis do com-**

**mun; outros à destreza e agilida-**

**de com que souberam manha-**

**mar na idade em que navegam. Mas, infláveis ou**

**menos habil no campo que preferiu, Oderico Mendes tem visto de vez nas grandes ações de que lhe coube-**

**rão em esforço, povo e satisfato-**

**ro de havez atravessado a vida**

**conservada e inimaculada até**

**da menor suspeita que lhe pudesse levemente marcar o lus re.**

**Tendo sabido do Rio viveu**

**14 anos em Paris a apontar-**

**da do seu emprego e suas min-**

**guarias em que pode acumu-**

**lar anteriormente, subtraindo-**

**se às necessidades quotidianas.**

**A verdade dos milagres de ecos-**

**to de deve não ser somente o**

**substir tão longo espaço na**

**queira capital, mas ainda o po-**

**der de dar uma boa educação a**

**os dois.**

**Homem moldado a antiga, a**

**sua velhice sociedade e digna**

**DISCOS E PANATROPES**

**BRUNSWICK**

**DISTRIBUIDORES:**

**Agência Gomes**
Rua Candido Mendes, 175

**Complete annos tambem:** — a senhorita Manoela de Lourdes Leão filha do sr. Arthur Leão e gracioso ornamento da elite maranhense.

**do sr. José Franklin da Costa,**

**aluno do Instituto Viveiros:**

**a senhorita Rosinha Soares,**

**da Academia de commercio**

**e filha do sr. Doretheo**

**Santos.**

**BRAZ PADILHA**

**Sociedade**

Transcorre hoje a data na-**

talvez do sr. Josen Cunha,**

cirurgião dentista e professor na**

**Escola de Odontologia.**

**Pasa hoje o aniversário do**

**professor Palmira Trinta.**

**Faz annos amanhã o meni-**

**no Ruy filho do capitaneiro**

**Antonio Chaves.**

**Tolbim de «ALMA NOVA»**

**A festa do Froprio**

**Passava vagarosamente o dia**

**24 de Junho. O sol do meio**

**dia estava imponente, para-**

**lyando quazi o movimento do**

**povoado. Os passarinhos pro-**

**curavam abrigo nas grandes**

**copas dos arbores que ainda**

**conservavam o verde, resis-**

**tindo à acção transformadora**

**do sol de verão.**

**E mesmo as sombras pro-**

**jectadas no solo fulvo e acin-**

**zentado, refugiam-se alguns**

**pajens, uma dormitando, ou**

**ouros balando este remendo,**

**de olhos semi-cerrados, cabeça**

**inclinada, sofredo resignada-**

**mente a canícula. O sol, ia baixando aos pou-**

**cos e uma juria, madrasta, ar-**

**riscando o voo rápido passou**

**em busca de outro sítio. A**

**atmosfera refrescava. E que**

**a noite já amavera a terra**

**com seu véu negro, descen-**

**do vagarosamente ao modular**

**das aves e o ciciar das cigarras.**

**A noite de 24 de Junho. Não**

**ha quem tuja os folgues que**

**oferece, São João, paves de festas populares nunca puis-**

**sa despercebido e o tradicional**

**bumba-meu-bo, dansa continu-**

**namente.**

**Segundo o que me dissera o**

**Bastião, preto velho que me**

**monstrava vinhame o primeiro**

**club de remo.**

**TENNIS, ETC.**

**Este sport vai tendo algum**

**incremento nesta capital, graça**

**a um núcleo de amado-**

**res que se exercitam no V.A.C.**

**Descobriam-nos um cultivo**

**intensamente pelo nosso col-**

**lega por dos mais elegantes**

**e proveitosos.**

**As jovens maranhenses mui-**

**to lucravi dedicando-se a**

**tão radiante exercício.**

**O basket-ball e o volley-ball**

**carecem de propaganda no**

**Maranhão.**

**SPORTS**

**FOOT-BALL**

**Já se reuniram na Alemanha o**

**comité especial encarregado de**

**organizar o Campeonato In-**

**ternacional de Foot-ball a re-**

**alizar-se em Montevideo em**

**Julho de 1930.**

**SPORTS NANTICOS**

**Um grupo de rapazes do**

**nosso meio desportivo adquiri-**

**rou uma uole com que tem fei-**

**to treinos regulares nas aguas**

**do porto, procurando assim a**

**viabilidade de provas de remo**

**em embarcações de estilo para**

**regatas no Maranhão.**

**Oxalá que após essa des-**

**marcava sempre os roteiros na-**

**queiras setes, o que viria cons-**

**tituir a nota de realce daquela**

**sementes, sem dúvida, a festa**

**do aniversario do João Pro-**

**goi, cabo e muito relacionado**

**do naqueles zonas.**

**E lá longe, Bastião, a casa**

**da despeza de hoje perguntar.**

**Não, não branco é só se**

**guir a estrada e tomar por**

**aquela vereada que começaria**

**separando na boca da mata. E**

**lá chegando é quebrar a mão**

**esquerda. Está ali logo a casa**

**do coronel.**

**Por entre caminhos sinuosos**

**universais, segundo a explica-**

**ção do Bastião, em rumo da**

**casa dos festojes.**

**Vinha do muito um ar e**

**no e saturado de perfis**

**agrestes que tremulavam mui-**

**tas que seguiam pelas**

**das do caminho.**

**E assim levou a casa do anniver-**

**sário, trazida num ponto che-**

**rada de paxadores, já**

**recolhidos.**

**Desde o cahir do noite**

**mecearam a luz um inúmeros**

**cintos de papel, de**

**berrantes, dependendo num**

**relãamento lúbrico, frente da**

**casa, onde estava colada uma**

**tela para dancas e**

**quem.**

(Cont. no proximo anno)